SÉRIE FLUZZ VOLUME 3

AUGUSTO DE FRANCO

PARA ENTRAR NO TERCEIRO MILÊNIO

O mundo não vai virar uma aldeia global, não há um pensar global e um agir local, e sustentabilidade não tem nada a ver com guardar recursos para as gerações futuras

Escola de Redes

PARA ENTRAR NO TERCEIRO MILÊNIO

O mundo não vai virar uma aldeia global, não há um pensar global e um agir local, e sustentabilidade não tem nada a ver com guardar recursos para as gerações futuras

PARA ENTRAR NO TERCEIRO MILÊNIO

O mundo não vai virar uma aldeia global, não há um pensar global e um agir local, e sustentabilidade não tem nada a ver com guardar recursos para as gerações futuras

SÉRIE FLUZZ VOLUME 3

AUGUSTO DE FRANCO

Escola de Redes

PARA ENTRAR NO TERCEIRO MILÊNIO

Augusto de Franco, 2012.

Versão Beta, sem revisão.

A versão digital desta obra foi entregue ao Domínio Público, editada com o selo Escola-de-Redes por decisão unilateral do autor.

Domínio Público, neste caso, significa que não há, em relação a versão digital desta obra, nenhum direito reservado e protegido, a não ser o direito moral de o autor ser reconhecido pela sua criação. É permitida a sua reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização prévia. Assim, a versão digital desta obra pode ser – na sua forma original ou modificada – copiada, impressa, editada, publicada e distribuída com fins lucrativos (vendida) ou sem fins lucrativos. Só não pode ser omitida a autoria da versão original.

FRANCO, Augusto de

PARA ENTRAR NO TERCEIRO MILÊNIO / Augusto de Franco. – São Paulo: 2012.

30 p. A4 – (Escola de Redes; 10)

1. Redes sociais. 2. Organizações. 3. Escola de Redes. I. Título.

Escola-de-Redes é uma rede de pessoas dedicadas à investigação sobre redes sociais e à criação e transferência de tecnologias de *netweaving*.

http://escoladeredes.net

Sumário

Introdução | 9

Miríades de aldeias globais | 13

Pensar e agir glocalmente | 18

Aprender a fluir com o curso | 22

Notas e referências | 27

Introdução

À velocidade da luz não existe futuro previsível...

Não há, literalmente, futuro possível.

Você já está ali, no momento que chama de situação.

É por isso que em nossa época não existem objetivos...

Para onde vamos? Estamos todos vestidos e sem ter aonde ir.

Marshall McLuhan na Universidade York, em Toronto (1979)

PARA O MUNDO ÚNICO *BROADCAST* que remanesce o terceiro milênio ainda não começou. Grandes "verdades" do final século 20 não foram ainda revistas, conquanto não faltem evidências de seu envelhecimento. Três exemplos eloquentes:

> *O mundo virou uma aldeia global? Não. Está virando miríades de aldeias globais.*
>
> *Pensar globalmente e agir localmente? Não. Pensar e agir glocalmente!*
>
> *Sustentabilidade é resguardar recursos para as futuras gerações? Não. É aprender a fluir com o curso...*

Mundo. Tempo. A ilusão do mundo único é a ilusão do tempo único. Se os mundos são vários, o tempo de cada mundo é diferente. Por certo, o *broadcasting* sintoniza, ou melhor, uniformiza. Mas não iguala, em cada mundo, o ritmo da fluição que transforma futuro em passado.

Se frequentemente temos a impressão de que o terceiro milênio ainda não começou – já que as promessas de uma Nova Era que foram a ele associadas não se realizaram – surge a pergunta: quando então ele vai começar? Ora, levando-se em conta a existência de vários mundos, a pergunta não tem sentido. *Quando?* – em um multiverso – sempre quer dizer: *para quem*?

Um ano antes da sua morte, em palestra na Universidade York, em Toronto, McLuhan (1979) disse que "*à velocidade da luz não existe futuro previsível*". E foi além: "*Não há, literalmente, futuro possível. Você já está ali, no momento que chama de situação. É por isso que em nossa época não existem objetivos... Para onde vamos? Estamos todos vestidos e sem ter aonde ir*" (1). Talvez McLuhan tenha antevisto ou pressentido a interação em tempo real ou sem distância nos novos mundos-fluzz (*) quando apontou a "velocidade da luz" como fator que impossibilita o futuro. Mas a questão não é que não exista futuro possível e sim que não é mais possível, nos novos mundos altamente conectados que estão emergindo, *um mesmo* futuro.

Não há um futuro universal porque não há *um* universo em termos sociais, como acreditaram as narrativas iluministas. Como observou David de Ugarte (2010), com a desconstituição *"dos sujeitos com os quais se*

compunha a narração histórica: as classes, as nações, os grupos de interesse, o marco do mercado... morre esse futuro que se pretendia 'o' futuro" (2). Mas a questão é que todas essas narrativas pressupunham um mesmo mundo e tentavam explicar a constituição dos sujeitos em função de expectativas imaginadas a partir dessa abstração totalizante em que acreditavam.

Dependendo do mundo em que se convive, *"o que aconteceu* [em alguns mundos] *ainda está por vir"* [em outros] e para quem já vive no multiverso dos *Highly Connected Worlds* "*o futuro não é mais como era antigamente"*, como cantou Renato Russo (1986) (3). Com o estilhaçamento do mundo único, o futuro também se esporaliza.

Não há mais *uma* saída (aliás, quando houve, não foi propriamente uma saída senão uma permanência, um confinamento em um mundo, para manter esse mundo contra os outros mundos possíveis). As tentativas de transformar o mundo herdeiras do iluminismo universalista eram tentativas contra-multiversalistas de mudá-lo para mantê-lo (como mundo único) ou então para substituí-lo por outro mundo (também único).

Um outro mundo é possível – bradam os militantes antiglobalização que continuam habitando o século passado. Mas *um* outro mundo não é mais possível. E, se fosse, não seria desejável. Outros mundos – isto sim, no plural – são possíveis. *A saída é a entrada* em outros mundos. É a libertação deste mundo único no qual você foi aprisionado. É a sua desistência de procurar um líder para lhe arrebanhar e guiar nessa

caminhada: você (esse complexo ser social que é a sua pessoa) é a saída, ou melhor, a porta de entrada para outros mundos.

Para quem já entrou no terceiro milênio soam anacrônicas, em boa parte, as verdades consideradas progressistas e politicamente corretas do século passado, voltadas à mudar o mundo (quer dizer, a preservar o mundo único), como – para citar apenas algumas como exemplos – a de que o mundo ia virar uma aldeia global, a de que era preciso pensar globalmente para agir localmente, a de que sustentabilidade era resguardar ou poupar recursos para as futuras gerações. A despeito dos generalizados consensos que se formaram em torno dessas ideias, elas são, todas, regressivas – isto é: contra-fluzz – posto que nascidas do pavor da imprevisibilidade da interação (**).

Miríades de aldeias globais

Não é que haja uma rede cobrindo o mundo. É que mundos são redes

TOM WOLFE (2003), na introdução da coletânea de palestras e entrevistas de Marshall McLuhan, publicadas postumamente no volume intitulado *Undestanding me*, escreveu sobre a euforia, que "beirava o espiritual", dos visionários do ciberespaço no Vale do Silício dos anos 90: "*eles diziam a todo mundo no Vale que o que estavam fazendo era muito mais do que desenvolver computadores e criar um novo meio de comunicação maravilhoso, a Internet. Muito mais. A Força estava com eles. Estavam tecendo sobre a Terra uma rede inconsútil que tornaria insignificantes todas as fronteiras nacionais e divisões raciais, transformando literalmente a natureza da besta humana". Esses visionários foram inspirados, segundo Wolfe, "por um literato canadense que morreu quinze anos antes que a Internet viesse a existir. Seu nome, desconhecido fora do Canadá até a publicação do livro Para entender os meios de comunicação, em 1964, era Marshall McLuhan*" (4).

McLuhan ficou famoso pela previsão de que "*o mundo estava se tornando rapidamente uma 'aldeia global' como resultado da difusão da rede inconsútil da televisão por toda a Terra*" (5). No entanto, Wolfe teve

argúcia suficiente para perceber que havia uma visão espiritual de futuro por trás das suas predições. A nova era anunciada – na qual todos estariam, segundo o próprio McLuhan, "*irrevogavelmente envolvidos uns com os outros e seriam responsáveis uns pelos outros*" – era algo mais sublime do que uma simples utopia secular. Segundo McLuhan, "*o conceito cristão de corpo místico, de todos os homens como membros do corpo de Cristo – isto se torna tecnologicamente um fato sob as condições eletrônicas*" (6).

Wolfe identifica aí a influência decisiva de Teilhard de Chardin sobre McLuhan. Embora tenha falecido em 1955, antes mesmo da difusão da televisão por todo mundo e quando os computadores ainda eram paquidermes enjaulados em grandes centros de pesquisas e mega-empresas, Chardin (1955) percebeu que a tecnologia estava criando um "*sistema nervoso para a humanidade, uma membrana única, organizada, inteiriça sobre a Terra*", uma "*estupenda máquina pensante*" (7). Teilhard de Chardin escreveu que "*a era da civilização terminou e a da civilização unificada está começando*" (8) Essa membrana inteiriça (que Chardin chamava de noosfera) – conclui Tom Wolfe – era, naturalmente, a 'rede inconsútil' de McLuhan. E essa 'civilização unificada' era a sua 'aldeia global'.

Interessantíssima a sacada da membrana envolvendo a Terra (mais pelo paralelo com uma membrana). Recentemente Don Tapscott (2006) encarou a Internet como uma pele que cobre o planeta (9). Mas há um problema com a idéia de que essa membrana seria "inteiriça". Sim, todo problema foi a idéia de alguma coisa "unificada" – termo que Chardin não

só afirmou como quis enfatizar. A unificação – se é que a palavra seria adequada – não é unitária, porém fractal. Pois o mundo não virou, não está virando, nem vai virar *uma* aldeia global, mas miríades de aldeias globais.

A emergência da sociedade-rede vem acompanhada de um processo de globalização do local e, simultaneamente, de localização do global. O futuro mundo das redes distribuídas – se vier – não será, como previa McLuhan, uma aldeia global, senão miríades de aldeias globais. A aldeia global midiática (e "molar"), de Marshall McLuhan, sugere o mundo virando um local. A sociedade-rede ("molecular") – percebida por Levy, Guéhenno, Castells e vários outros — sugere cada local virando o mundo, fractalmente. Não o local separado, por certo, mas o local conectado que tende a virar o mundo todo, desde que a conexão local-global passou a ser uma possibilidade (10).

Em outras palavras: o mundo das redes distribuídas não vem como um mundo único. *Não é que haja uma rede (ou várias redes) cobrindo o mundo. É que mundos são redes*.

A idéia de um mundo único – ao contrário do que vaticinaram à farta os prosélitos da Nova Era e continuam propagando militantes ambientalistas e espiritualistas – é regressiva. Para que haja um mundo único em termos sociais é necessário centralizar a rede (mantendo instâncias centralizadas de difusão um-para-muitos). Para que haja um mundo único em termos políticos também é necessário centralizar a rede (construindo monstruosidades como um Estado planetário ou um governo mundial).

Para que haja um mundo único em termos de consciência unificada (noosféricos como queria Chardin), seria preciso admitir a existência de algum ente sobre-humano, seja um deus ou uma consciência coletiva (que fosse capaz de ser consciente de si mesma e, neste caso, não seria humana).

Um superorganismo coletivo está nascendo, sim, mas trata-se de um superorganismo humano – um *simbionte social* –, não de um organismo super-humano. Sua inteligência se compõe por emergência, a partir da interação e não pode ser instalada em qualquer *mainframe*. É uma inteligência tipicamente humana e não extra-humana, de um deus, de um alienígena, de uma máquina ou da *Matrix*. Se esse superorganismo for capaz de algo como uma consciência, também se tratará de uma consciência humana composta por emergência e não de uma superconsciência, de um olho que tudo vê e se vê ou sabe que está vendo. Nem o velho deus hebraico (segundo a interpretação mais arguta do esoterismo judaico) possuía tal consciência, de vez que foi levado a criar o mundo para poder se ver no espelho da sua criação.

O modelo é autorregulacional. Assim como não há uma instância centralizada de regulação da biosfera, assim também não pode haver uma instância centralizada de regulação de uma sociosfera, até porque não pode existir apenas uma sociosfera. As conexões *P2P* (quando o "P" significa "pessoa") que compõem as sociosferas não centralizam; pelo contrário, distribuem.

Os visionários do ciberespaço, herdeiros do sonho mcluhiano da aldeia global (segundo Tom Wolfe), acreditando que a Força estava com eles, usaram-na para construir seus *mainframes*: seus programas e produtos proprietários, suas caixas-pretas para trancar – esconder dos outros em vez de compartilhar – os algoritmos que inventavam, seus *bunkers* organizativos e suas fortunas pessoais.

Todavia, há uma diferença entre o que fizeram Vinton Cerf e Robert Kahn (1975) com o Protocolo TCP/IP, Tim Berners-Lee e Robert Cailliau (1990) com a World Wide Web, Linus Torvalds (1991) e a multidão com o Linux e Rob McColl (1995) e a multidão com o Apache, e o que fizeram Bill Gates e Paul Allen com a Microsoft (1975) e o Windows (1985), Steve Jobs e Steve Wozniak com a Apple (1976) e o Mac OS (1984), Larry Page e Sergey Brin (e Eric Shmidt) (1998) com o Google, Mark Zuckerberg e Dustin Moskovitz (2004) com o Facebook e Evan Willians e Biz Stone (e Jack Dorsey) (2006) com o Twitter. Estamos verificando agora em que medida eles estavam no contra-fluzz ou com-fluzz, o curso que não pode ser aprisionado por qualquer *mainframe*.

Pensar e agir glocalmente

Não pode haver um pensar global: seriam pensares, e eles seriam tantos quantos os locais onde foram pensados

THINK GLOBAL, ACT GLOBAL. A frase "pensar globalmente, agir localmente" já foi atribuída ou reivindicada – de 1915 a 1989 – por mais de dez pessoas, desde a urbanista Patrick Geddes, passando pelo microbiologista René Dubos, pelo teólogo Jacques Ellul e pelo futurologista Buckminster Fuller, até chegar a Harlan Cleveland.

Tanta disputa pela fórmula ou tanta vontade de atribuir ou reivindicar a sua paternidade, revela, é óbvio, uma concordância generalizada com a síntese que ela pretende representar. Mas revela também uma compreensão pouco-fluzz do mundo. Não há uma esfera global que, uma vez percebida por inteiro ou entendida em sua totalidade, forneça elementos para orientar a ação local.

Ninguém percebe ou entende alguma coisa fora de um local e se este local puder se conectar a outros locais, ele então já é global (um local que foi globalizado). Na verdade, global é uma abstração para indicar a possibilidade de conexão com outros locais, não uma instância autônoma concreta. Se estivermos usando a expressão global para falar da Terra,

então estamos falando de um local (o planeta: um global que só existirá concretamente se for localizado).

Do ponto de vista da rede social, local é um *cluster*, não uma porção do planeta físico. Desse ponto de vista, o local não está dado de antemão, mas é constituído pela interação dos que o reconhecem como um local. Um local em interação com outros locais é uma realidade glocal, que se constitui quando a globalização do local encontra a localização do global. Essa é apenas outra maneira de falar da conexão local-global, ou seja, da interação entre diversos locais.

Os muitos mundos interagentes são realidades glocais. Se estão brotando inumeráveis *interworlds*, então se trata de pensar e agir glocalmente, não de pensar globalmente e agir localmente (ou vice-versa). Em suma, *não pode haver um pensar global: seriam pensares, e eles seriam tantos quantos os locais onde foram pensados*. Se for, entretanto, resultado da interação com os outros locais, todo pensar será glocal e toda ação também será glocal.

Não, não é a mesma coisa. Não é um jogo de palavras. Não pode haver um pensar global – nem no sentido da percepção de uma esfera inteiriça ou unificada (como queria Teilhard de Chardin) ou da percepção da aldeia global (como queria Marshall McLuhan), nem mesmo no sentido de uma percepção totalizante ou holística – porque isso pressupõe uma apreensão por cima ou por fora da interação. A aldeia global de McLuhan será local, está claro, mas nunca um único e mesmo local (pois local já pressupõe muitos locais, cada qual – aí sim – único; do contrário desconstitui-se o

próprio conceito de local). Quem a perceber estará expressando a percepção do emaranhado de conexões no qual está envolvido. Como os emaranhados são diversos, cada percepção será também diversa. Teremos tantas aldeias globais quanto os mundos a partir dos quais elas são vistas como resultado de configurações particulares de interação. Ou seja, teremos miríades de aldeias globais.

Não é a toa que a visão de McLuhan *beire o espiritual* (como percebeu indiretamente Tom Wolfe) ou esteja na fronteira entre ciência e religião, como a visão de Chardin. A rigor ela pressupõe um ser capaz de exercer a supervisão de todas as interações, alguém, portanto, não-humano; ou algo como uma consciência coletiva que conseguisse apreender a totalidade, uma superconsciência ou uma consciência do que há de comum a todas as consciências. Mas se existisse um deus *ex-machina* quem teria acesso a ele: os sacerdotes? E se existisse uma consciência coletiva com características de uma *Unimatrix One*, quem conseguiria vê-la e receber seus "comunicados": os borgs?

Há aqui uma confusão de conceitos, um deslizamento epistemológico para o qual contribuiu o ambientalismo – essa espécie de religião laica de nossos dias – ao apelar para ações locais que teriam o condão de salvar o planeta (supostamente 'o' global). Como se existissem diretivas globais a ser materializadas por diversas implementações locais. Mas quem emitiria tais diretivas, já que ninguém vive no global? Os representantes dos locais? Ora, mas neste caso sua percepção ou seu entendimento só poderiam ter surgido nos diversos locais em que eles vivem e convivem e, portanto, seriam locais (não globais). Além disso, como e por quem seriam

escolhidos tais representantes? Nunca surgiram respostas aceitáveis para essas perguntas.

Por outro lado, o que seria o planeta? A geosfera e a biosfera? E as socioesferas? A pergunta sobre as socioesferas (no plural) é relevante, pois a combinação de expressões locais de vida e convivência social – por mais numerosas que fossem – não poderia gerar nem 'o', nem 'um', global. No limite teríamos, no início da segunda década deste século, sete bilhões de expressões locais, que poderiam se combinar de trilhões de maneiras diferentes; na verdade tais combinações seriam, por assim dizer, praticamente inumeráveis.

Sim, mundos são redes. Senão o que seriam? A população do planeta? Mas população é um dado estatístico, um número. A soma dos indivíduos da espécie biológica *homo* não significa nada em termos humanos. E não se pode somar pessoas.

Aprender a fluir com o curso

A idéia de salvar alguma coisa, arquivá-la (com quem estoca recursos) para prorrogar a sua durabilidade, é uma idéia contra-fluzz

O AMBIENTALISMO – ainda preso às subculturas do platonismo que pontificaram no século 20 – difundiu uma idéia de sustentabilidade segundo a qual o uso dos recursos naturais deve suprir as necessidades da geração presente sem afetar a possibilidade das gerações futuras de suprir as suas.

O crédito por tal definição – que apareceu no Relatório Brundtland (1987) – ainda é muito disputado, se bem que sua autoria seja geralmente atribuída ao ecologista Lester Brown. O significativo é que ela foi aceita como um consenso universal e foi tomada, axiomaticamente, como uma verdade evidente por si mesma, passando a idéia – pouco-fluzz - de que a sustentabilidade é uma espécie de poupança: tratar-se-ia, para efeitos práticos, de resguardar recursos para as futuras gerações.

O ambientalismo reduziu assim a sustentabilidade à sua dimensão ambiental, o que – até certo ponto – é explicável: foi observando os sistemas vivos (organismos, partes de organismos e ecossistemas) que percebemos um padrão de autorregulação e adaptação às mudanças, uma

capacidade desses sistemas de mudar de acordo com a mudança das circunstâncias conservando, porém, a sua organização interna.

Mas em vez de se concentrar no padrão e tentar descobrir como reinventá-lo em nossas atividades humanas e organizações sociais, o ambientalismo imaginou que tudo se arranjaria a partir da compreensão do funcionamento dos ecossistemas. Não seria então o aprendizado coletivo, resultante da experimentação de novas formas de organização e convivência com as diferenças humanas, como resposta aos desafios de conservar a adaptação a um ambiente que muda continuamente – ou seja: o *aprender a fluir com o curso* –, que tornaria nossas sociedades mais sustentáveis e sim uma consciência que surgiria pelo conhecimento da natureza e se imporia como novo padrão ético universal. Eis um novo platonismo que, como qualquer platonismo, despreza a política, ou seja, a interação entre os humanos ou as redes sociais.

No entanto, a mais forte evidência que temos sobre a sustentabilidade – proveniente, aliás, da observação sistemática dos sistemas vivos – é a de que *tudo que é sustentável tem o padrão de rede* (11). Ou seja, a de que só sistemas dinâmicos complexos que adquiriram características adaptativas – apresentando a estrutura de rede distribuída – podem ser sustentáveis.

Se foi observando os ecossistemas que logramos captar as características de um sistema sustentável, isso não deveria ter levado a uma visão reducionista da questão, que disseminou uma crença segundo a qual o que está em risco é apenas a vida como realidade biológica e tentando

dirigir todas as nossas iniciativas de sustentabilidade para, supostamente, “salvar o planeta”.

Sobre isso, a pergunta fundamental foi feita recentemente por Humberto Maturana (2010) e seus colaboradores: *o que queremos mesmo sustentar* (do latim *sustentare*: defender, favorecer, apoiar, conservar, cuidar) (12)?

A vida (em termos biológicos) é de suprema importância, é a única realidade realmente sustentável que conhecemos, mas ela já vem se arranjando há uns quatro bilhões de anos sem a nossa, digamos, inestimável ajuda. Seria preciso ver então o que mais queremos sustentar, de preferência aquilo que de fato depende de nós.

Ocorre que, por meio do que chamamos de social, estamos construindo mundos humanos, que têm como base o mundo natural, mas que não são consequências do mundo natural. A tentativa humana de humanizar o mundo ou, para usar uma expressão poética, de humanizar a “alma do mundo” por meio do social, é uma espécie de “segunda criação”. Para quem pensa assim, a vida (o simbionte natural) é um valor principal, mas não o único: certos padrões de convivência social, além da vida (biológica) — como a cooperação ampliada socialmente ou a vida em comunidade, as redes voluntárias de interação em prol da invenção de futuros comuns ou compartilhados e a democracia na base da sociedade e no cotidiano das pessoas — também constituem valores inegociáveis, quer dizer, valores que não podem ser trocados pelo primeiro. De nada adiantaria, desse ponto de vista, trocar a livre convivência pela sobrevivência sob um império milenar de “seres superiores” (como um IV Reich, por exemplo).

Surpreendentemente, *aquilo que devemos preservar é, justamente, o que pode nos preservar como sociedade tipicamente humana*. Cooperação, voluntariado, redes e democracia (em suma, tudo o que produz, relaciona-se ou constitui o que foi chamado de capital social) são os elementos da nova criação humana — e humanizante — do mundo (o simbionte social), que lograram se configurar como padrões de convivência social e que vale realmente a pena preservar. E são esses os elementos que podem garantir a sustentabilidade das sociedades humanas e das organizações que as compõem (13).

Eis a razão pela qual a sustentabilidade das sociedades humanas não pode ser alcançada apenas com a adoção de princípios ecológicos (como querem os defensores ambientalistas ou ecologistas da sustentabilidade, ainda afeitos a uma visão pré-fluzz de que existe algo como uma consciência capaz de mudar comportamentos), porque, no caso das sociedades, trata-se de outros mundos (humano-sociais) que têm como base o mundo natural, mas que não são consequências dele.

A idéia de salvar alguma coisa, arquivá-la (como quem estoca recursos) para prorrogar sua durabilidade (outra confusão ao definir sustentabilidade que foi muito comum no velho mundo fracamente conectado) é uma idéia contra-fluzz. *Sustentabilidade não é durar para sempre*. Nada dura para sempre. E a espécie humana também não durará. Ao que tudo indica desaparecerá bem antes da biosfera (pelo menos a biosfera deste planeta, a única que conhecemos por enquanto). Mas a própria biosfera (da Terra e, se houver, de outros lugares do universo) também desaparecerá. O sol deixará de ser uma estrela amarela em 5

bilhões de anos (com 4 bilhões de anos a nossa biosfera já esgotou quase a metade do seu tempo de vida). A Via Láctea está em rota de colisão com a galáxia de Andrômeda, a 125 quilômetros por segundo e o desastre ocorrerá nos próximos 10 bilhões de anos. Este universo, surgido no *Big Bang*, será extinto no *Big Crunch* ou virará um cemitério gelado se sua expansão não for revertida.

Enquanto isso, nem mesmo a vida, nem a convivência social, permanecerão como são – ou desaparecerão prematuramente! Mas poderão ser sustentáveis na medida em que aprenderem a fluir com o curso, quer dizer, a mudar em congruência dinâmica e recíproca com a mudança das circunstâncias. Sim, sustentável não é o que permanece como é (ou está), mas o que muda continuamente para continuar sendo (o que pode vir-a-ser).

Se um ente ou processo durar (como é), certamente não será sustentável. Se não aceitar a morte, se buscar uma maneira de se esquivar do fluxo transformador da vida, nada poderá ser sustentável. Se não aceitar o fluxo transformador da convivência social nenhum dos mundos que cocriamos poderá ser sustentável.

Tais mundos sociais que constituímos quando vivemos a nossa convivência não serão sustentáveis na medida em que quisermos permanecer no "lado de fora" do abismo. Esse horror ao caos que caracteriza todas as organizações hierárquicas nada mais é do que o medo de perder uma ordem pregressa ao se abandonar à livre-interação.

Notas e referências

(*) A palavra 'fluzz' nasceu de uma conversa informal do autor, no início de 2010, com Marcelo Estraviz, sobre o Buzz do Google. O autor observava que Buzz não captava adequadamente o fluxo da conversação, argumentando que era necessário criar outro tipo de plataforma (*i-based* e não *p-based*, quer dizer, baseada em interação, não em participação). Marcelo Estraviz respondeu com a interjeição 'fluzz', na ocasião mais como uma brincadeira, para tentar traduzir a idéia de Buzz+fluxo. Ulteriormente a idéia foi desenvolvida no livro-mãe Fluzz: vida humana e convivência social nos novos mundos altamente conectados do terceiro milênio (2011) e passou a não ter muito a ver com o programa malsucedido do Google. Fluzz (o fluxo interativo) é um conceito complexo, sintético, que talvez possa ser captado pela seguinte passagem: "*Tudo que flui é fluzz. Tudo que fluzz flui. Fluzz é o fluxo, que não pode ser aprisionado por qualquer mainframe. Porque fluzz é do metabolismo da rede. Ah!, sim, redes são fluições. Fluzz evoca o curso constante que não se expressa e que não pode ser sondado, nem sequer pronunciado do "lado de fora" do abismo: onde habitamos. No "lado de dentro" do abismo não há espaço nem tempo, ou melhor, há apenas o espaço-tempo dos fluxos. É de lá que aquilo (aquele) que flui sem cessar faz brotar todos os mundos... Em outras palavras, não existe uma mesma realidade para todos: são*

muitos os mundos. Tudo depende das fluições em que cada um se move, dos emaranhamentos que se tramam, das configurações de interação que se constelam e se desfazem, intermitentemente".

(**) Este texto foi originalmente escrito em 2010 e publicado em 2011 *no livro Fluzz: vida humana e convivência social nos novos mundos altamente conectados do terceiro milênio. São Paulo: Escola de Redes, 2011.*

(1) MCLUHAN, Marshall (1979). "O homem e os meios de comunicação" *in* McLUHAN, Stephanie & STAINES, David (2003). McLuhan por McLuhan (*Understandig me*). Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

(2) Cf. UGARTE, David (2010). *Los futuros que vienen*. Madrid: Grupo Cooperativo de las Índias, 2010. "*Descomposición es descomposición también, y sobre todo, de los sujetos con los que se componía la narración histórica: las clases, las naciones, los grupos de interés, el marco de mercado… con ellos muere ese futuro que se pretendía el futuro y que es precisamente aquel por el que los universalistas se afanan. Ese futuro universal es hoy un enfermo crónico en fase terminal. Nacido en el siglo XVIII, tuvo su crisis adolescente con el Romanticismo, su madurez con el progresismo decimonónico y su primera crisis grave con los genocidios cometidos por el estado alemán durante la Segunda Guerra Mundial*".

(3) RUSSO, Renato (1986). "Índios" *in* Dois: Emi, 1986.

(4) WOLFE, Tom (2003). "Introdução" *in* McLUHAN, Stephanie & STAINES, David (2003): *Op. cit.*

(5) MCLUHAN, Marshall *apud* WOLFE: *Ed. cit.*

(6) Idem.

(7) CHARDIN, Teilhard (1955). O fenômeno humano. São Paulo: Cultrix, 1989.

(8) CHARDIN: *Op. cit.*

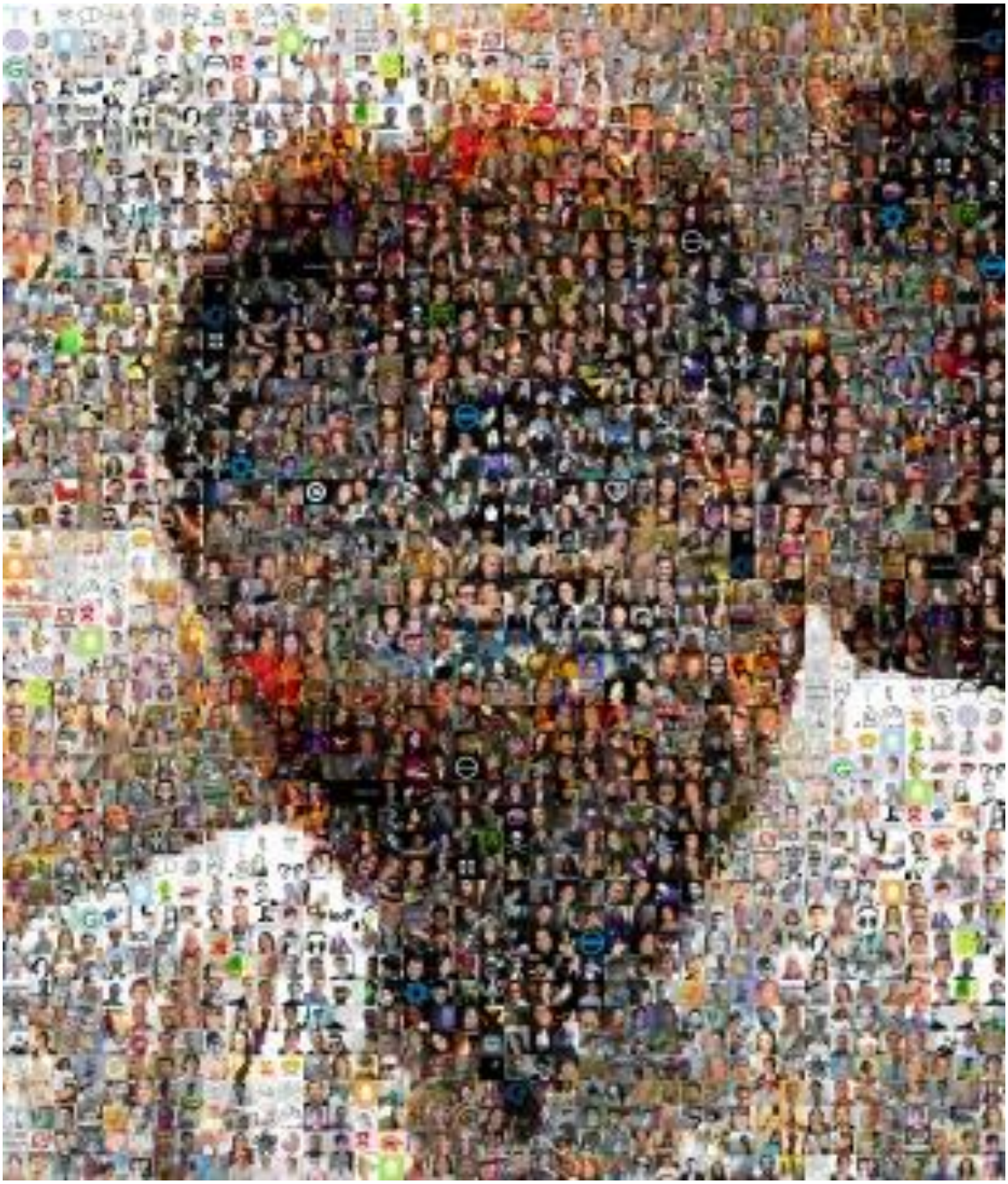
(9) TAPSCOTT, Don e WILLIAMS, Anthony (2006). Wikinomics: como a colaboração pode mudar o seu negócio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

(10) FRANCO, Augusto (2003). A revolução do local: globalização, glocalização, localização. Brasília/São Paulo: AED/Cultura, 2003.

(11) Cf. FRANCO, Augusto (2008). Tudo que é sustentável tem o padrão de rede: sustentabilidade empresarial e responsabilidade corporativa no século 21. Curitiba: Escola-de-Redes, 2008.

(12) Comunicação pessoal ao autor feita por alunos do curso Biologia-Cultural ministrado pela Escola Matriztica de Santiago em 2010.

(13) FRANCO, Augusto (2008). Tudo que é sustentável tem o padrão de rede: *ed. cit.*



Augusto de Franco é escritor, palestrante e consultor. É o criador e um dos *netweavers* da Escola-de-Redes – uma rede de pessoas dedicadas à investigação sobre redes sociais e à criação e transferência de tecnologias de *netweaving*. É autor de mais de duas dezenas de livros sobre desenvolvimento local, capital social, democracia e redes sociais.